

Uma publicação do Instituto Genildo Batista



Genildo Batista 20 anos de sua partida!

Homenagem do IGB,
através da contribuição de
seu filho e de sua filha

Em 11 de março de 2002,
Genildo Batista partiu!
Como forma de homenageá-lo o IGB
solicitou ao **Dimitri** e à **Dalila**,
filho e filha dele, que escrevessem
um texto para o INFORMA-SE.
Dimitri respondeu, afirmando:
"pensamos em algo mais informativo,
focando o contexto de formação,
percurso escolar e ambiente familiar.
Seria mais acessível para nós
e de alguma relevância para o pessoal
interessado no instituto".

**Agradecemos
e compartilhamos
com vocês essa valiosa
contribuição, fruto da
sensibilidade,
da solidariedade
e do amor vivenciado,
aprendido, cultivado...**

**Solicitamos que leiam,
reflitam e divulguem
o INFORMA-SE número 14**

Alegria e Orgulho

Dimitri e Dalila iniciam o texto afirmando:

"Para nós é ocasião de alegria e orgulho saber que nosso pai, mesmo passados esses vinte anos, continua a ser uma **referência co-memorada – no sentido genuíno de rememorar em comum.**

Nesta ocasião, pensamos em contribuir compartilhando algo de uma perspectiva muito pessoal sobre nosso pai. Algo que, por meio da nossa experiência familiar, relatos orais e fotografias, entre outras fontes, conseguimos sistematizar mediante um processo emocional turbulento, inacabado e, como se pode imaginar, coalhado de saudade.

Nome e Origem

Genildo Batista. Esta era a forma como nosso pai se assinava.

Nome de uma família de três irmãos que, segundo nos contaram, naturais de Inhambupe, se instalaram, não sabemos ao certo o porque (mas, em razão de sua origem negra, podemos fazer algumas inferências), em **fundos de pasto na região de Queimadas.**

Este nome, "**Batista**", nós dois não carregamos porque era o sobrenome materno, de nossa avó Catarina, que era filha de um desses três irmãos. De nosso pai, nós carregamos o "**da Silva**".

"da Silva" Ausência Paterna, Estigma e Sofrimento

Este sobrenome, contudo, se pertenceu a nosso pai, não foi por representar a afirmação de um vínculo familiar; trata-se antes da marca de sua ausência: **o vazio do campo relativo ao nome do pai em sua certidão de nascimento**, que se replica na nossa, no lugar em que deveria constar o nome de nosso avô paterno **Manoel Ferreira Costa**, que não reconheceu nosso pai como filho até este chegar à idade adulta, graças à intermediação de Edvanes, filho mais velho do casamento com Agda (com quem teve mais três filhos: Reginaldo, Neuza e Janilson). Assim, **o "da Silva"** acrescentado pelo escrivão quando de seu registro de nascimento, **cunhou sobre nosso pai o duplo estigma de enjeitado e filho de mãe solteira**, estigma que não pouco sofrimento lhe infligiu e trouxe, desde as memórias mais antigas de sua infância, a **consciência dessa espécie de sofrimento injusto, arbitrário, e que pôde iluminar a dedicação total à militância política que conferiria sentido à sua vida.**

Essa marcação cartorial **impediu que hoje possamos afirmar o sobrenome de nossa avó Catarina, de quem nosso pai provavelmente herdou o bom humor, a capacidade de ser, às vezes ao mesmo tempo, duro e terno.**

De Queimadas para Serrinha: o caminho se entrecruza com a possibilidade de estudar!

Quem conheceu nosso pai adulto não pode mesmo imaginar que, até um **espichão tardio na adolescência** o ter transformado no homem alto que foi, ele era ridicularizado por ser menor do que as outras crianças de sua idade, e assim, mirradinho, apelidado de “**Rabada**”.

Meu pai não era só uma criança pequena, negra, pobre, bastarda. Era uma criança que vivia em meados dos anos de 1950, na zona rural de um sertão despossuído, filho único de uma mulher acolhida por um dos tios, quando ainda muito jovem ficou órfã de pai e mãe.

Vivia uma realidade na qual mesmo as crianças que contavam com circunstâncias mais favoráveis, **não conseguiam trocar a enxada pelos livros, ainda que se empenhassem.**

Não havia muitas escolas disponíveis e quando havia elas eram proibitivas para as crianças pobres porque, mais do que hoje, era necessário ter recursos para se manter nelas.

Fato é que com cerca de seis anos o caminho de nosso pai se entrecruza com a possibilidade de estudar quando, por recomendação de parentes, nossa avó Catarina mudou-se para a cidade de Serrinha, onde passou a trabalhar como **empregada doméstica na casa dos Cunha**, família abastada e ciosa de sua posição social.

Da escolarização tardia ao percurso escolar bem sucedido

Nesta cidade, a distância da escola diminui, **começa tardiamente sua escolarização** e, com apoio do patrão de nossa avó, conforme a aptidão de nosso pai para os estudos vai se tornando evidente, ele **consegue os meios para permanecer na escola e frequentar as classes mais avançadas**, como as do Ginásio.

Tendo uma **mãe analfabeta e formada pelo catolicismo rústico**, o percurso escolar bem-sucedido que meu pai veio a realizar – se formaria pela **Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia** e concluiria o **Curso de Economia da Universidade Católica de Salvador** –, mesmo **dividindo o tempo dedicado ao estudo com trabalho**, se torna mais compreensível quando se considera o longo período vivido na condição de agregado sob um ambiente familiar no qual o empenho na educação formal era valorizado.

Foi também através da família Cunha que nosso pai conheceu nossa mãe, Iara, em uma convivência iniciada nas visitas que os irmãos e ela faziam à tia paterna, que era a dona da casa.

Afinidades etárias, escolares, culturais e políticas! Não clandestinidade por razões familiares

De fato, a relação foi em princípio mais um desdobramento da amizade que se estabeleceu entre um dos irmãos mais velhos, **Israel** e nosso pai, devida, sobretudo, a afinidades etárias (nasceram no mesmo ano), escolares (ambos ambicionavam estudar em seminário), culturais (apreciavam literatura, música popular e jogo de xadrez) e – não menos importante – políticas (meu tio já estava na órbita do **Partido Comunista Brasileiro/PCB**, aderindo, pouco depois, à **Vanguarda Armada Revolucionária Palmares**).

Quando este último abandonou o seminário e finalmente fez o “giro” para a militância clandestina, meu pai e minha mãe se aproximaram.

A circunstância de não poderem fazer o mesmo que Israel por razões familiares – primeiro, ela, que precisou dar suporte emocional à nossa avó ante a difamação armada contra o filho “terrorista” na paróquia de Araci; tempos depois, ele, impossibilitado de abandonar o emprego como executivo na capital baiana, porque sustentava a mãe solteira e doente – certamente esteve na base comum de uma afeição que seria consumada como namoro por volta de 1974, não por acaso quando o irmão e amigo já retornara ileso de sua incursão falhada e minha mãe mudara para Salvador a fim de concluir o ensino de segundo grau.

Casamento com Iara, morte da mãe Catarina e militância semiclandestina!

O ano de 1977 foi um dos mais decisivos da vida de nosso pai: ele não só se casou com nossa mãe, como também se deu a morte de nossa avó Catarina.

Isso paradoxalmente lhe possibilitou uma dedicação progressiva à militância, intervindo decididamente em organizações semiclandestinas – **Ação Popular Marxista Leninista, Organização Comunista Democracia Proletária (OCDP) e Movimento Comunista Revolucionário (MCR)** – que resultariam na **Força Socialista**, tendência à esquerda do Partido dos Trabalhadores.

Nossa mãe teve um papel central nessa conversão.

Embora nunca tenha se deixado limitar pelo papel tradicionalmente conferido às mulheres de sua família, pois **sempre estudou, trabalhou, bem como participou das lutas, especialmente como educadora**, o empenho de nossa mãe na vida doméstica, organizando a sobrevivência cotidiana e cuidando dos filhos – **Dimitri**, que nasce em 1978 e **Dalila**, em 1981 –, foi o esteio que liberou nosso pai para o engajamento integral na militância política.

Engajamento integral na militância política

Não achamos que neste momento seja pertinente uma descrição exaustiva desta trajetória. Outras pessoas que com ele a percorreram e conheceram de perto as pedras nesse caminho podem contar com maior propriedade.

Para efeitos desta narrativa familiar, basta lembrarmos que, **por volta de 1986, nosso pai foi “girado” para São Paulo com o objetivo de consolidar a fusão entre frações do Partido Comunista do Brasil – Ala Vermelha, Movimento pela Emancipação do Proletariado – MEP e OCDP, no que seria o MCR**, logo organizando suas intervenções a partir do coletivo dos mandatos do então deputado estadual pelo PT, Ivan Valente.

Esse período foi um dos mais duros, porque nós e nossa mãe ficamos em Salvador até 1990, quando nossos pais, após alguma resistência devido ao arraigado preconceito paulista contra nordestinos, decidiram mudar definitivamente para a cidade de São Paulo e nossa vida familiar foi adquirindo maior estabilidade, até a descoberta, em setembro de 2002, da doença irremediável que acometeu nosso pai.

Uma vida plena de sentido!

Se, por um lado, as memórias deste período são tortuosas e ainda surpreendentemente dolorosas, por outro, não podemos deixar de aproveitar esta ocasião para registrar que as **inúmeras demonstrações de solidariedade** vindas do Brasil inteiro, bem como a **companhia ostensiva e incansável de companheiras e companheiros de nosso pai se desdobrando conosco em seu cuidado durante aqueles meses abruptos e extremamente penosos, nos quais se intercalaram duas internações e um período em casa, para nós foi a maior prova de que a vida dele foi plena de sentido.**

Desde que nosso pai faleceu naquele 11 de março de 2003, como não poderia deixar de ser, a vida seguiu com suas **renovações, perdas e ambivalências, pessoais e coletivas:** suas **duas netas**, filhas de **Dimitri e Ana Carolina**, nasceram (**Catarina** em 2014 e **Antônia** 2020); **faleceram** seu pai **Manoel** em 2007, suas tão **queridas tias** Francisca (**Chiquita**) e Maria (**Nati**) em 2005 e 2008 e **Iara** em 2017; por sua vez, **o PT conquistou quatro mandatos presidenciais; sofreu o Golpe de 2016; e nos últimos anos o fascismo campeia Brasil afora.**

De fato, nosso pai só pôde acompanhar os dois meses iniciais do primeiro governo Lula.

Nós temos dificuldades de prever quais seriam os rumos que ele daria para a sua militância e para a luta pela revolução brasileira.

**Marca pessoal
que talvez possa servir
como referência para a
construção efetiva
da tão sonhada
sociedade emancipada:
preocupação genuína
com as pessoas para além
da militância política**



A partir dos relatos de quem o conheceu, uma **marca pessoal** que talvez possa servir como referência para a construção efetiva da tão sonhada sociedade emancipada foi a **preocupação genuína com as pessoas para além da militância política.**

Ao mesmo tempo, ele era reconhecido pela **energia militante**, pela **capacidade de trabalho** e pela **ausência de soberba.**

Em meio às condições adversas em que a luta revolucionária se realiza, as pessoas que se devotam a essa causa devem ser capazes de fazer e exigir sacrifícios dos outros.

Daí a dureza com que nosso pai era capaz de, sem ser dogmático, defender as suas posições. Daí também a abertura, a escuta e a disposição para o encontro com o outro.

Talvez não seja exagero afirmar que, como um socialista revolucionário, ele tenha realizado a seu modo a máxima atribuída a Che Guevara: é preciso endurecer, mas nunca sem perder a ternura.

**Dalila Pinheiro da Silva
Dimitri Pinheiro da Silva**

23-03-2023

**EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Lujan Maria Bacelar de Miranda**